



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VII – GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS APLICADAS - CCEA  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA - PARFOR  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**JOSÉ TUBIAS DE MEDEIROS SOUTO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, AUTISMO E INCLUSÃO**

**PATOS  
2019**

JOSÉ TUBIAS DE MEDEIROS SOUTO

**EDUCAÇÃO FÍSICA, AUTISMO E INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

**Orientador:** Prof. Esp. José Eugênio Elói Moura

**PATOS  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S728e Souto, Jose Tubias de Medeiros.  
Educação física autismo e inclusão [manuscrito] / Jose Tubias de Medeiros Souto. - 2019.  
23 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Patos , 2019.  
"Orientação : Prof. Esp. José Eugênio Elói Moura , Departamento de Educação Física - CCBS."  
1. Inclusão. 2. Autismo. 3. Educação física escolar. 4. Política de inclusão. I. Título  
21. ed. CDD 371.94

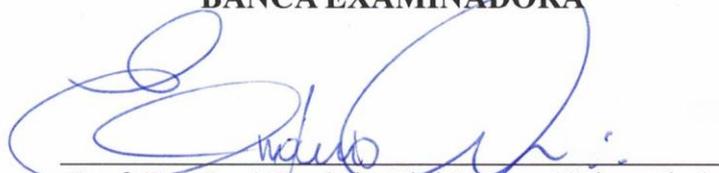
JOSÉ TUBIAS DE MEDEIROS SOUTO

EDUCAÇÃO FÍSICA AUTISMO E INCLUSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado (a) em: 26/10/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Esp José Eugênio Elói Moura (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me Adriano Homero Vital Pereira (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Diyanalmi Ferreira Maia (Examinador)  
Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Aos meus pais, Geraldo Alves de Souto e Laurita de Medeiros Souto, pela educação e incentivo durante essa caminhada, meus filhos Tulio Rafael Costa Medeiros Souto e José Arthur Costa Medeiros Souto, à minha noiva Ubiratanha dos Santos Pereira, DEDICO.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>7</b>
<b>2.1</b>	<b>Educação Física</b> .....	<b>7</b>
<b>2.1.1</b>	<i>Importância da Educação Física na Educação Inclusiva</i> .....	<b>7</b>
<b>2.2</b>	<b>Autismo</b> .....	<b>8</b>
<b>2.3</b>	<b>O processo educacional de crianças autistas</b> .....	<b>9</b>
<b>2.4</b>	<b>A inclusão e as políticas educacionais</b> .....	<b>10</b>
<b>2.5</b>	<b>A atuação do professor na inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física</b> .....	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>14</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>15</b>

## EDUCAÇÃO FÍSICA, AUTISMO E INCLUSÃO

José Tubias de Medeiros Souto\*

### RESUMO

Atualmente o mundo ainda vive um momento de muita luta pelos direitos dos grupos menores, excluídos e segregados e por sua inclusão social. Devido às dificuldades qualitativas na interação, comunicação e até mesmo na imaginação, o convívio da criança autista, por meio da inclusão com as outras crianças do ensino regular, no ambiente escolar, é de grande valor, pois estimula o desenvolvimento de suas capacidades interativas impedindo o isolamento do indivíduo. A Educação Física escolar é importante, pois contribui em aspectos relacionados à formação geral como o desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo, visando também o hábito da prática das atividades físicas como sendo fundamentais para uma vida saudável. Deste modo, os objetivos querem contribuir com o processo de inclusão das crianças autistas nas aulas de educação física escolar, buscando meios de conhecimentos sobre os direitos dos autistas e deveres dos professores. Na escola de ensino regular, inclusiva, a criança autista tem a oportunidade de variar sua vivência habitual, diária, com algo novo proposto pelo professor, nas aulas de educação física. No processo de educação do autista há vários desafios para os professores, principalmente no contato inicial dos alunos com a disciplina. Para que o aluno demonstre evolução em seu desenvolvimento é necessário que o professor tenha comprometimento e conhecimento para planejar suas aulas comprometidas com a estimulação desses alunos.

**Palavras-chave:** Inclusão. Educação Física escolar. Autismo. Política de inclusão.

### ABSTRACT

Today the world is still struggling for the rights of smaller, excluded and segregated groups and their social inclusion. Due to the qualitative difficulties in interaction, communication and even imagination, the coexistence of the autistic child, through the inclusion with the other children of regular education, in the school environment, is of great value, since it stimulates the development of their interactive capacities preventing the isolation of the individual. School Physical Education is important because it contributes to aspects related to general education such as motor, affective, social and cognitive development, also aiming at the habit of practicing physical activities as being fundamental for a healthy life. Thus, the objectives want to contribute to the process of inclusion of autistic children in school physical education classes, seeking means of knowledge about the rights of autistic and teachers' duties. At the regular, inclusive school, the autistic child has the opportunity to vary his usual daily experience with something new proposed by the teacher in physical education classes. In the process of autistic education there are several challenges for teachers, especially in the initial contact of students with the subject. For the student to demonstrate evolution in their development it is necessary that the teacher has commitment and knowledge to plan their classes committed to the stimulation of these students.

**Keywords:** Inclusion. School physical education. Autism. Inclusion Policy.

---

\* Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, tubiasmat@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao discorrer sobre a Educação Física, no tocante ao processo de ensinoaprendizagem com pessoas com autismo, frisa-se ser necessário analisar que, para SOLER (2010) a Educação Física contribui para o desenvolvimento do afetivo, social, e intelectual de alunos com deficiência, pois o incentivo à inclusão torna a autoestima e a autoconfiança mais evidente e assim não há desigualdade.

A política inclusiva de alunos deficientes na escola serve para desenvolver potenciais, respeitando as diferenças e atendendo suas necessidades. A escola deve criar espaços que propiciem a inclusão, comprometendo-se com uma educação de qualidade para todos os alunos, para que se atinja os objetivos educacionais (BRASIL, 2001).

A adequação correta da Educação Física para alunos deficientes evidencia a compreensão de limitações e capacidades, estimulando o desempenho do aluno. É essencial que o professor conheça seu aluno e sua necessidade educacional especial, se houver, pois atualmente esta disciplina não trabalha apenas com alunos ditos normais, mas também frisa a importância da prática inclusiva de alunos especiais em suas aulas.

A proteção dos direitos de um cidadão à educação independe de vários fatores, mas torna-se um desafio, pois na realidade, nem todos tem acesso a mesma. Para a resolução deste e de outros problemas, o governo vem promovendo programas educacionais a fim de priorizar o ensino de qualidade que é de extrema importância na formação de um cidadão crítico, participo na sociedade, digno e respeitoso (ROJO, 2010).

A Educação Física adaptada reconhece as características das deficiências e foi construída a partir de programas e ações específicas, como uma possibilidade de assistir com maior e melhor atenção às pessoas com deficiência.

A escola tem o papel de tornar mais forte o respeito à diversidade, e a não aceitação da desigualdade, pois as diferenças devem ser vistas como um incentivo para que se cumpra uma educação de qualidade.

Os PCNs também tem importante papel no processo de inclusão, pois foram criados com o objetivo de obter um vínculo entre escola e sociedade, além de ser um fator de extrema importância para a educação. No século atual, há uma expectativa que a escola forme cidadãos críticos, que participe das atividades dentro da sociedade, e que respeite as diferenças (BRASIL, 1998).

O educador deve estar preparado para manejar os recursos que dispõe a escola, sua sala de recurso e o conhecimento adquirido em capacitação, para realizar a educação do

indivíduo de forma que ele atinja a meta estabelecida. Seu papel é estimular a criança para a formação do conhecimento.

Deste modo, o objetivo geral deste trabalho quer discorrer sobre a importância da educação física no processo de inclusão de pessoas com autismo. Os objetivos específicos visam indicar a Educação Física na Educação Inclusiva; o processo educacional de crianças autistas e a atuação do professor na inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Educação Física**

A Educação Física adaptada enfatiza a normalidade da diversidade, das diferenças e salienta a adaptação de atividades fundamentais no desenvolvimento da criança num todo. Uma educação eficaz de crianças com necessidades especiais não é obrigação somente da escola, mas da família, sociedade, política, todos trabalhando em conjunto para se obter uma educação inclusiva de qualidade (ESPANHA, 2004).

#### ***2.1.1 Importância da Educação Física na Educação Inclusiva***

Incluir por meio da Educação Física não basta o estabelecimento de leis, decretos e convenções que garantam a inclusão, se forem ignorados em sua aplicação. O avanço na questão da inclusão depende do papel da escola, dos cursos de formação inicial e continuada, e dos professores que precisam constantemente questionar, analisar, repensar seus métodos para garantir o desenvolvimento do aluno junto com os demais. Assim, discutir e perceber as ações de inclusão que vêm sendo desenvolvidas torna-se um desafio político, no sentido amplo do tema, que se torna necessária a produção do conhecimento e a reflexão sobre a realidade (CAIADO, 2012).

Na opinião de Chicon (2008) a promoção da inclusão nas aulas de Educação Física está ligada diretamente com aspectos atitudinais e procedimentais, sendo que as atitudes estão relacionadas a concepção de formação ideal ao homem, à atitude de aceitação e promoção da diversidade humana. E os aspectos atitudinais relacionado aos procedimentos metodológicos e didáticos, e dos conhecimentos teóricos adotados. A valorização da diversidade humana entra como objetivo central em prol de uma sociedade inclusiva.

A promoção da inclusão nas aulas de Educação Física está associada, na opinião de

Chicon (2008), com aspectos atitudinais e procedimentais, sendo o primeiro relacionado à concepção de homem que se quer formar, à atitude de aceitação e promoção da diversidade humana. E o segundo, relacionado às metodologias de ensino, dos procedimentos didáticos e dos conhecimentos teóricos adotados.

Pinheiro (2008) reforça a importância da atitude como um dos principais aspectos para atingir o sucesso da temática em questão. Alega que, a partir do momento que temos conhecimento do ato ou da fala de alguém, frente à determinadas situações ou comportamentos de acordo com a relação com o meio físico e cultural em que vive, podemos entender o a conduta do indivíduo perante a um objeto social.

Nesse sentido, Mantoan (2012) ressalta que os educadores, que anteriormente não consideravam crianças com deficiência como uma realidade muito próxima, agora, com toda a garantia legal, passam a não ter escolha e tendem a buscar incentivo a adquirir ferramentas de conhecimento para atingir o objetivo de incluí-las em seus planejamentos de ensino.

## **2.2 Autismo**

O autismo é resultante de uma inadequação no desenvolvimento, com consequências graves durante toda a vida. O transtorno agride cerca de cinco entre dez mil crianças sendo mais comum em meninos e podendo ser notado nos primeiros três anos de idade. Até hoje não se sabe a causa e nem o porquê de as crianças nascerem com o autismo (DIAS;RIBEIRO, 2011).

O Transtorno do Espectro Autista teve sua descoberta há pouco tempo na história das psicopatologias do desenvolvimento. Inicialmente foi considerado pelo psicanalista Bruno Bettelheim, como uma doença relacional, com o foco do problema na relação diática, mãe bebê, originando a expressão “mãe geladeira”, e sua causa associada a fatores ambientais. Porém, na atualidade, considerase o autismo como de ordem multifatorial, com etiologias variadas e de origem neurológica (MOREIRA, 2005).

A princípio, notou-se que o autismo tinha maior incidência em lares considerados com problemas afetivos e, que por isso, durante longo tempo, pensou-se que a causa do transtorno estivesse relacionada a problemas psicodinâmicos, uma vez que não era possível encontrar fatores biológicos, que incidissem em testes médicos existentes na época.

Silva (2012), acentua a forma concreta com que estas crianças percebem o mundo, o que as impede de identificar sutilezas e questões subentendidas de um discurso verbal ou não verbal. É bem provável que a criança tenha dificuldade para utilizar e compreender gestos,

linguagem corporal e tom de voz. Sua fala pode parecer robotizada e às vezes extremamente aguda. Muitas vezes eles abordam apenas um assunto, geralmente seu foco de interesse. Alguns, com desenvolturas, falam como pequenos adultos ao invés de expressarem-se como crianças.

E difícil o diagnóstico de suas causas porém é caracterizado pelo comprometimento crítico e geral em inúmeras áreas, o desenvolvimento social tardio, o comprometimento na comunicação, na linguagem e no comportamento. Os estudiosos estão em busca de explicações sobre o transtorno através de estudos realizados na área de herança genética, relacionadas a elementos ambientais (MARQUEZE; RAVAZZI, 2010).

### **2.3 O processo educacional de crianças autistas**

O autismo é considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) que atinge a maioria das pessoas do sexo masculino em uma proporção de um menino a cada quatro meninas. É definido pelo comprometimento crítico e geral em inúmeras áreas, sendo tardio o desenvolvimento social, de comunicação, de linguagem e comportamental. Estudiosos estão em busca de explicações sobre o transtorno, pois até o momento as causas ainda não foram totalmente esclarecidas, os estudos são realizados na área de herança genética relacionadas a elementos ambientais (MARQUEZE; RAVAZZI, 2010).

Contudo, a existência desse conjunto de leis, que atuam como agentes reguladores que garantem o acesso de pessoas com autismo e outras deficiências à educação, não assegura que os educadores saibam auxiliá-los no seu processo educativo. Este fenômeno se depara com a realidade precária do educador na forma de condução do processo educativo, para que o direito a ter educação seja cumprido satisfatoriamente (SELAU E HAMMES, 2009).

Em meio a este campo de batalha de leis que garantem a participação do diferente e que cobram desempenho dos educadores, cobranças que muitas vezes são absurdas, esquece que o educador é uma ferramenta de suma importância, tanto ao ensino regular quanto ao ensino especial, pois é ele que transmitirá, através de técnicas adequadas às várias idades e potencialidades de seus educandos, o ensino, que no caso do autismo deve ser focado em cada necessidade. Ao educador também é dada a tarefa de mediar os valores sociais e culturais.

A interação de deficientes com os colegas constrói um conhecimento incentivado pelo professor de Educação Física e os demais professores, sendo assim, a inclusão acontece de forma crescente. Em se tratando do aluno surdo é essencial que haja um interprete de libras em sala de aula, porém isso não resolve o problema, apesar de melhorar a compreensão dos

conteúdos. Desta forma tanto alunos normais como professores devem buscar a cooperação e parceria com alunos que tenham limitações para que aconteça de fato uma inclusão social (LACERDA, 2006).

Os meios usados pelas políticas públicas para tornar mais amplo o contexto da inclusão seria um caminho para chegar-se a uma sociedade inclusiva. Para dar consistência a ideia de uma educação inclusiva o estado deve projetar uma política pública que forme uma comunidade a qual respeite a diversidade e garanta o direito de todos à educação. O conceito de Inclusão se firma na diversidade, diferença, universalização de indivíduos dentro do mesmo espaço, neste contexto, a escola (PAULON et al, 2005).

Atualmente, através de estudos realizados recentemente, percebe-se que é comum encontrar autistas com diferentes níveis de intensidade, variando dos mais graves aos leves. O autismo se desenvolve em 5 recém-nascidos a cada 10 mil crianças (DIAS; RIBEIRO, 2011).

As crianças portadoras dessa síndrome apresentam dificuldades na adaptação e na convivência com as outras pessoas, e também tem dificuldades em se concentrarem tornando-as dispersas, não apresentam interesses afetivos sendo frios em relação a carinho, e têm dificuldades em aceitar mudanças de rotina e um bloqueio na aprendizagem em geral. Segundo a autora a criança autista pode manifestar dificuldades globais em seu processo de desenvolvimento (LAMPREIA, 2007).

Os sintomas podem ser observados através de anamnese ou entrevista com a própria criança se possível, ou familiar. Dentre os sintomas está a dificuldade nas habilidades linguísticas, físicas e sociais; sensibilidade de audição, sensações anormais no tato, olfato e equilíbrio; atraso na fala e na linguagem, assim como seu modo de se relacionar com objetos e pessoas (DIAS; RIBEIRO, 2011).

#### **2.4 A inclusão e as políticas educacionais**

A trajetória histórica da inclusão no princípio teve sua demarcação em meados dos anos 90, quando foram realizadas inúmeras convenções internacionais em diferentes países e também continentes. Em 1990 houve a Convenção Mundial de Educação Para Todos. E expressivo, no momento, destacar que nessa convenção foram aprovados em assembleia artigos de extrema importância que garantia a democratização e o direito de ensino para todos, independentemente das individualidades e diferenças particulares dos alunos (PIRES, 2010).

Nesse contexto, a ideia de inclusão se apresenta como um avanço em relação à ideia passada. Almeida (2013) enfatiza especialmente a mudança de foco da atenção, que antes

recaía sobre a pessoa com deficiência, e agora, incide para o ambiente. Isso implica, na realidade, uma mudança radical na concepção de deficiência. Nessa análise de dimensão da deficiência, aponta-se a necessidade de que, além das debilidades físicas e biológicas (lesões e malformações), fossem estudadas as condições sociais limitadoras.

Anção (2008) afirma que em todos os tempos e épocas, existem pessoas com deficiências caracterizadas por nascença ou por algum acontecimento posterior. Os registros históricos comprovam que é de muitos anos a resistência para a aceitação social desta população. No início da história, é percebido que existiu uma fase marcada pela ignorância, na era pré-cristã, em que os conhecimentos referentes aos assuntos eram completamente diferentes dos pensamentos de hoje, pensamentos que refletem no comportamento da sociedade neste período.

Destarte, a inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física escolar é um desafio a ser vencido pela escola e sociedade, uma vez que objetiva a educação para todos, além de estimular a convivência com as crianças. O conceito de educação inclusiva se dá por alguns aspectos como, compartilhar o mesmo espaço físico, integração na sociedade, adaptações no ensino, participação de todos nas aulas e o direito a educação (SANTANA, 2005).

A inclusão é uma ação mundial de luta em busca dos direitos e de um lugar na sociedade, por familiares e pessoas com algum tipo de deficiência ou diferença que não condiz com a cultura de igualdade imposta pela sociedade. O protótipo da inclusão está ao decorrer dos anos em busca da não exclusão escolar com o propósito de garantir através de ações a garantia do acesso e estabilidade do aluno com deficiência nas aulas do ensino regular (PAULO; NARA, 2012).

Atualmente o propósito da política social e educacional é a inclusão. Quando se trata de educação, a inclusão abrange um processo de reforma e reestruturação das escolas, com o intuito de garantir que todos os alunos, tenham acesso às inúmeras oportunidades e atividades educacionais e sociais dadas pela escola. O objetivo da reforma é certificar que todos tenham informações e designo em todas as áreas de atuação relacionadas à educação.

O início da inclusão escolar deve ocorrer a partir da Educação Infantil, pois é nesse período que começa o desenvolvimento básico e necessário para a formação do conhecimento. Nesse período, a ludicidade, a possibilidade de formas diferentes de comunicação, a profusão de estímulos nas questões físicas, emocionais, psicomotoras, cognitivas e sociais é também habituar-se às diferenças assim favorecendo o vínculo, a valorização e o respeito.

Atualmente o termo inclusão tem sido muito citado pela sociedade, principalmente na mídia, e em trabalhos sócio educacionais. Sabe-se que independente de qual tipo de inclusão esteja sendo tratado, não dependerá exclusivamente de leis, mas também de condutas quando realmente a intenção seja incluir algo ou alguém (RAVAZZI; GOMES, 2011).

## **2.5 A atuação do professor na inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física**

O professor precisa ter um planejamento que atenda às necessidades de seus alunos, somando procedimentos para romper as barreiras da aprendizagem; é necessário que o professor seja criativo, adaptando suas atividades de acordo com nível de deficiência do seu aluno. Para Cidade e Freitas (2012) não existe nenhum método perfeito da Educação Física que seja executado para processo de inclusão, porque o professor sabe e pode alinhar inúmeros procedimentos para remover as barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos.

As escolas precisam elaborar projetos que dêem preferência ao pedagógico, evidenciando a educação inclusiva; oriente todos os funcionários da escola e também a comunidade no trabalho com alunos deficientes; designar recursos para a formação de professores aptos do ensino pedagógico e prontos para lidar com eventuais problemas que podem surgir com seus alunos. É necessário adaptar a escola por meio de algumas medidas, facilitando o deslocamento de tais alunos (MELO & MARTINS, 2007).

A formação de professores deve-se dar a partir de cursos capacitantes com constantes avaliações, e não somente envolvimento em cursos, pois, sendo um procedimento contínuo o professor deve ter um pensamento crítico para que saber e entender sobre o processo de inclusão e assim aperfeiçoar o conhecimento passado aos alunos em sala de aula (SADALLA, 2009).

De acordo com Falkenbach et al (2007) há uma unanimidade dos professores quando a questão é o favorecimento da inclusão, porém estes confundem inclusão com interação. Os professores admitem uma falha na formação, o que não possibilita um embasamento para inclusão escolar. Pode-se afirmar que um dos problemas da falta de inclusão de alunos com deficiência é o tradicionalismo das escolas e uma das medidas que podem reverter a situação de inclusão atual é aprofundar a qualificação dos professores e orientar a comunidade.

A inclusão não está acontecendo ou não está sendo satisfatória, isto se dá pela formação precária dos professores, pelo próprio preconceito e por outros problemas. É essencial a formação de um profissional capaz de atuar com alunos deficientes na escola,

apesar de estar crescendo o número de profissionais formados nessa área.

O comprometimento do professor e da escola é fundamental na vida de qualquer pessoa no âmbito educacional, e quando se trata de crianças autistas não há diferença na importância. Porém, é necessária uma visão diferente no nível de atenção, sendo um pouco maior do que com as outras crianças, utilizando os métodos ideais e a elaboração de estratégias que permitam ao professor ser capaz de alcançar o desenvolvimento e estimular as capacidades físicas e cognitivas, na interação e autonomia das crianças Autistas (LOPES, 2011).

A Educação Física Adaptada "é uma área da Educação Física que tem como objeto de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educativas especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada portador de deficiência, respeitando suas diferenças individuais" (Duarte e Werner, 2010).

O desenvolvimento das habilidades dos alunos com necessidades especiais nas aulas deve acontecer por meio de atividades adaptadas, propostas pelo professor, comprometidas em não excluí-los das aulas, como ocorre com frequência nas escolas de ensino regular, com a desculpa de adotar essa prática para preservar o aluno de qualquer eventualidade que possa acontecer no decorrer das mesmas. (FERNANDES, 2015).

É normal que as crianças Autistas, ao começarem a frequentar a escola, mostrarem nitidamente sua inflexibilidade de maneira exagerada em relação às atividades propostas pelo professor. Assim, tanto para o aluno quanto para o professor essas novas vivências se constituirão experiências desafiadoras, pois suas reações diante de um ambiente novo e estímulos diferentes podem causar choro, movimentos estereotipados, dificuldade de obedecer ordens dadas pelo professor e até mesmo apego por alguns locais na escola (BELISARIO JUNIOR; CUNHA, 2010).

### **3 METODOLOGIA**

O método de pesquisa utilizado neste trabalho é regimentado nas seguintes etapas: Na primeira etapa foi a escolha e delimitação do tema proposto; a segunda, foi o levantamento da literatura específica, através de livros, revistas, artigos, monografias, etc., a terceira etapa constitui-se de um suporte bibliográfico, e a quarta etapa foi a interpretação e síntese do conhecimento com base na revisão literária no estudo de caso.

O método da pesquisa bibliográfica é dedutivo, com aquisição de dados por meio de pesquisa exploratória.

Desse modo, foi realizado um levantamento bibliográfico que segundo Lakatos (1992), “trata-se de um levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”, oportunizando um suporte para que a pesquisa bibliográfica seja enriquecida de referência específica para melhor contato com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto.

O processo dedutivo, por um lado, leva o pesquisador do conhecido ao desconhecido com pouca margem de erro; por outro lado, é de alcance limitado, pois a conclusão não pode possuir conteúdos que excedam o das premissas. Sendo assim, concluir que a dedução seja infrutífera e estéril é não perceber seu verdadeiro significado (CERVO, 2002, p. 35).

O autor supra citado (2002), discorre sobre a função do método exploratório como sendo um conjunto de processos utilizados para verificar as hipóteses, assim como seu princípio geral de determinar que as causas produzem os efeitos.

Também fez a utilização de tabelas para atestar a veracidade dos dados encontrados nos autores citados.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao término deste trabalho, discorreu sobre a inclusão escolar, fazendo-se necessário que haja mudanças na sociedade, para que deficientes sejam vistos como cidadãos normais. Fatores como reestruturação no sistema de ensino, formação de profissionais competentes, interdisciplinaridades, são determinantes na ação da inclusão. A educação física escolar auxilia na inclusão, porém é necessário que haja uma transformação no geral para que o aspecto da inclusão seja reconhecido.

O trabalho com a Educação Física inclusiva deve estar ligado com a disposição da escola em receber alunos deficientes. É papel do professor de Educação Física desenvolver os aspectos físico e mental do seu aluno, promover a interação dele com os outros colegas, adaptar atividades para que este aluno participe das aulas.

O professor tem papel fundamental para este processo, portanto, torna-se necessário uma mudança de atitudes, crenças e comportamentos. Fica claro também que somente as leis não garante o acesso de todos à escola, é necessário que neste processo os professores demonstrem interesse e tenham uma formação de qualidade, tornando-se preparados e esclarecidos sobre as possibilidades dos alunos com deficiência e que recebam suporte das instituições e do estado para a inclusão. Caso contrário, a inclusão ficará apenas como uma ideia muito viável na teoria, porém sem real aplicação prática.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, S; MISSEL, A. Autismo: Auxilio ao desenvolvimento antecipadamente. **Revista Pós-graduação: Desafios Contemporâneos**, Cachoeirinha- RS, v.1, n. 1, jun/2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/622-1-1994-1-10-20140606%20(2).pdf > Acesso em: 12 dez. 2019.
- ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 2013.
- ANÇÃO, C. D. B. **Educação inclusiva: análise de textos e contextos**. Diss. Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade Estadual de Londrina, Brasil, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**, Brasília, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação básica. **Secretaria da Educação Especial**. MEC, SEESP, 2001.
- BELISÁRIO JÚNIOR, J. F. B., CUNHA, P. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar – Transtornos Globais do Desenvolvimento**. Ministério da Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 9, 2010. Disponível em: <<https://15eb7ab1-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com> > Acesso em: 12 dez. 2019.
- CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos**. 2. Ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados: PUC, 2012.
- CHICON, J. F. **Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar**. In: Revista Movimento, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 13-38, 2008.
- CIDADE, R, E; FREITAS, P, S. **Educação Física e Inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola**. Revista Integração. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, n. 14, p. 26-30, 2012.
- DIAS, D. B. A.; RIBEIRO, J. C. **A educação física como meio facilitador do desenvolvimento psicomotor do indivíduo com autismo**. Universo, São Paulo, v. 4, n. 2011 Disponível em : < <http://revista.universo.edu.br/index.php> > . Acesso em: 12 dez. 2019.
- DUARTE, E.; WERNER, T. **Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências**. In: Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância. Rio de Janeiro: ABT: UGF, 2010.
- ESPAÑA. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca**. Espanha, 2004.
- FALKENBACH, P.A., CHAVES, E.F., NUNES, P.D., NASCIMENTO, F.V. A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na Educação Infantil. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n° 2, 2007.
- FERNADES, F. **Educação física e inclusão escolar**. Efdeportes, Buenos Aires, v. 8, n. 51, p. 1-13, jan. 2015. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com> > Acesso em: 09

dez. 2019.

LACERDA, F.B.C. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e interpretes sobre esta experiência.** Caderno Cedes, Campinas, v. 26, n° 69, 2006.

LOPES, T. B. **Educação inclusiva e autismo: A educação Física como possibilidade educacional.** **Realize**, Espírito Santo, v. n. 2011 Disponível em:  
<<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conaef/resumo.php?idtrabalho=22> >  
Acesso em: 09 dez. 2019.

MANTOAN, M. T. E. **Caminhos Pedagógicos da Inclusão.** São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2013.

MARQUEZE, L.; RAVAZZI, L. **Inclusão de autistas nas aulas de Educação Física Universo Autista** , São Paulo, 2010 Disponível em:  
<<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/articles/article.php?id=42> >  
Acesso em: 13 dez. 2019.

MELO, V.L.R.F., MARTINS, R.A.L. **Acolhendo e atuando com alunos que apresentam paralisia cerebral nas classes regulares:a organização da escola.** Revista Brasileira de Educação Especial, São Paulo, 2007.

MOREIRA, P. S. T. **Autismo: a difícil arte de educar.** Universidade Luterana do Brasil – Ulbra – Campus Guaíba – RS, 2005.

PAULO, M; NARA, D. **Inclusão: caminhos, encontros e descobertas. Rei ideau**, Alto uruguaia, v. 7, n. 15, p. 1-13, jan. 2012. Disponível em:<[http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/50\\_1.pdf](http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/50_1.pdf)> Acesso em : 13 dez. 2019.

PAULON, S.M., FREITAS, L.B.L., PINHO, G.S. **Ministério da Educação, Secretaria de Educação especial**, Brasília, 2005.

PINHEIRO, I. F. A. **Atitudes dos professores do 2º ciclo do Ensino Básico das escolas do CAE-Tâmega face à inclusão de alunos com deficiência.** Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

PIRES, José. **A questão ética frente às diferenças: uma perspectiva da pessoa como valor.** In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. et. al. [orgs.]. **Inclusão compartilhando saberes.** Petrópolis – Rio de Janeiro, ed. Vozes, 2006.p.78-94. Disponível m:[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/621\\_435.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/621_435.pdf) Acesso em: 13 dez. 2019.

RAVAZZI, Lilian; GOMES, Nilton Munhoz. **Levantamento bibliográfico sobre Educação Física e Autismo.** UEL – Londrina, 2010. Disponível em:  
<<http://www.efdeportes.com/efd193/espectro-do-autismo-e-educacao-fisica.htm> .>  
Acesso em: 13 dez. 2019.

ROJO, Roxane. **A pratica de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs.** São Paulo, 2000.

SADALLA, A.M. **Com a palavra a professora: suas crenças, suas ações.** Tese de doutorado, programa de pós graduação em Educação, Campinas, 2009.

SANTANA, M.I. **Educação Inclusiva: concepções de professores e diretores. Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n° 2, 2005.

SELAU, B.; HAMMES, L. J. **Educação inclusiva e educação para a paz: relações possíveis.** São Luiz: EDUFMA, 2009.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SOLER, Reinaldo. **Brincando e Aprendendo na Educação Física Especial: planos de aula.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Sprint, 2012.